

# SUPPLEMENTO

ao numero 21 do jornal

# O POVO DE AVEIRO

## AVEIRO

Reina a desordem na cidade. A anarchia campêa para ahi desenfreadamente como no tempo da revolução. A vida dos cidadãos está ao capricho do primeiro bandido, que apparece, protegido pelas autoridades.

O sr. administrador do concelho é um conde de Bastos em ponto pequeno. Protege os caceteiros, e corre com elles a cidade de braço dado. Sua senhoria deu hoje um espectáculo tristissimo á cidade d'Aveiro, a terra cortez e hospitaleira por excellencia, amante da paz e da ordem, que nunca presenciou uma cousa assim.

Essa auctoridade correu hoje a cidade, doida, espumando pela bocca como um cão hydrophobo, de cacete em punho para espancar os cidadãos pacíficos, que tiveram a isenção de lhe censurar os seus actos.

Estamos nos tempos de D. Miguel. Na terra de José Estevam revivem os caceteiros d'outr'ora. A liberdade é sophismada, as nccsas regalias são calcadas aos pés pelas proprias auctoridades.

Sr. governador civil: mais uma vez appellamos para a sua honra, mais uma vez lhe lembramos o seu antigo amor pela liberdade e os serviços, que lhe tem prestado.

Mande metter na cadêa o seu subalterno, ou mande-o para Rilhafolles, se está doido. Se v. ex.ª

proceder com energia terá o apoio de todos os homens honrados. Isto assim não pode continuar.

Esta questão não é uma questão de partido, é uma questão de honra. Nós levantamos altivamente a cabeça, porque procedemos dignamente. Pedimos a lei, pedimos a moralidade, pedimos a justiça. Foi esse o nosso crime, attenda bem.

Se os seus amigos o abandonam, não o abandonaremos nós. Aqui estamos ao pé de v. ex.ª a pedir ordem e socego.

### CIDADÃOS:

Sejamos prudentes e cordatos. A immoralidade campêa desenfreadamente para ahi, a lei é esquecida, a liberdade calcada aos pés, mas nós já pedimos energicas providencias e esperamol-as socegadamente com a consciencia do nosso direito e da nossa justiça.

### CIDADÃOS:

O partido republicano sabe repellir todas as affrontas, mas não quer a desordem. Sejamos unidos e fortes mas socegados e ordeiros. O sr. governador civil prometeu providencias.

Corre que o sr. administrador do concelho está demittido e portanto já nos foi dada em parte uma satisfação, caso isso seja verdade.

Se o partido republicano tem alguma influencia sobre o povo de Aveiro, se tem as sympathias das classes operarias, pede a todos com instancia que se conservem tran-

quillos, que respeitem a lei e a ordem e que se abstenham de qualquer manifestação.

Esperamos que o povo faça isto e deve fazel-o para dar um exemplo brilhante aos *grandes* e uma lição severa e digna d'elle a esses marialvas de toda a especie, que nos infestam.

### Uma prevenção.

Um dos redactores d'este jornal retirou-se hoje deante das furias do administrador do concelho, porque essa retirada lhe foi imposta pelos seus amigos que estavam presentes, com o fim de evitar desordens. Foi bom isso, porque sua senhoria estava doido. É bom porém que o sr. Ruy Couceiro da Costa fique sabendo que ninguem absolutamente tem medo d'elle.

Já tinhamos dito e de novo o repetimos, que não é o sr. Ponce Leão Barboza o unico a tomar a responsabilidade do que diz o *Povo de Aveiro*. Muitos republicanos a tomam e se elles respeitaram o administrador, como auctoridade, não o respeitarão de hoje em diante como homem, se elle se não portar como um cavalleiro. Dirija-se sua senhoria a qualquer d'elles em especial e então fallaremos. Perguntem primeiro quem toma a responsabilidade dos escriptos, seus fargolas, que cá não ha medo. Somos solidarios.

Correndo duvidas ácerca da authenticidade da carta assignada pelo sr. Francisco Manuel Couceiro, que recebemos pelo correio hontem de manhã mandámos hoje um homem a Villarinho com uma carta, em que pediamos áquelle cavalleiro que nos dissesse se sim ou não era elle o author da referida carta.

Entretanto tinhamos suspendido a remessa do ultimo numero do *Povo de Aveiro* para os nossos estimaveis assignantes da provincia com tenção de tirar para estes um numero especial, caso tivessemos sido logrados, porque todo o nosso fim é sermos justos e verdadeiros. Recebemos agora mesmo a resposta do sr. Couceiro. A carta era evidentemente falsa e a nossa indignação é extraordinaria.

Toda a gente sabe, que é costume os jornaes publicarem sem repugnancia cartas de pessoas tão auctorizadas e respeitaves como o sr. Couceiro, porque a ninguem passa por a cabeça que haja um miseravel, um biltre, um pulha, que se lembre de falsificar uma carta para conseguir um fim qualquer. Não podêmos conhecer tambem essa falsificação, porque nos era inteiramente desconhecida a letra do sr. Couceiro.

Todavia, para evitar suspeitas infundadas temos na redacção a carta do biltre, para quem a quizer examinar. Está patente a todos.

Faremos os esforços necessarios para descobrir o miseravel e

se o conseguirmos, fal-o-hemos assentar no banco dos réos, depois de o termos corrido a pontapés e de lhe termos cortado a cara alvar com um chicote.

De resto a opinião que temos a respeito do tal Galvão, como *batoiteiro*, é a mesma.

### À ULTIMA HORA

O sr. governador civil pediu tropas do Porto. Consta-nos que já chegaram. Essas tropas serão bem recebidas, esperamol-o, porque os soldados tambem são filhos do povo e se veem para manter a ordem achamos desnecessario o seu auxilio, porque o povo policia-se ha a si proprio.

O sr. Ruy Couceiro da Costa vae ser mettido n'um processo por abuso d'authoridade no exercicio das suas funcções. É o epilogo da *comedia*, provocada por aquelle senhor.

Aveiro 18 de Junho de 1882.

posto que o tenha por mais provavel e por mais seguro, formar uma decisão de consciencia recta e justa para responder e obrar conforme a opinião d'outro doutor. Pôde licitamente escolher para a sua decisão a opinião que achar mais favoravel, e mais agradavel a quem o consulta; e isto ainda que tenha essa opinião por certamente falsa na especulação; porque aquelle que o consulta muito menos lhe pergunta o que elle entende, do que procura uma opinião

ciencia absolver o penitente contra a sua propria opinião, ainda que a tenha por verdadeira; e pôde conformar-se com a do penitente ainda que a tenha por menos provavel, menos segura e até falsa, com tanto que seja provavel. Não sómente pôde, mas o deve assim fazer debaixo de pena de peccado mortal, e o penitente o pôde a isso obrigar. Quando se tratar do prejuizo d'um terceiro e de o não obrigar a restituição; quando se trata d'uma acção que o confessor

restituir. E se o não fizer peccará contra a justiça.»  
E assim continuam os graves doutores da ordem no desenvolvimento da sua criação de Probabilismo, não se pejando da audacia de lhe attribuir origem apostolica, nem da opinião de que para se passar por cima de todos os dogmas, dos preceitos do decalogo, e das constituições, regra e disciplina da Igreja bastava a mêm e tantas vezes falla probabilidade. De modo que a piedade; a ca-

ximos, assim como vos amais a vos mesmos. Em vosso coração vereis impresso o meu terceiro mandamento pelo qual deveis fazer aos vossos proximos o que rectamente quereis que elles tambem vos façam. Em vosso coração vereis escripto o meu quarto mandamento pelo qual não vereis fazer aos vossos proximos o que rectamente não quereis que elles façam a vós mesmos. Em vosso coração finalmente vereis gravada a minha lei ou preceito pela qual deveis sómente amar e cum-

pode ser mentiroso ao vidu eterno, e por tantos outros, todos empenhados em arruinar a theologia, depois de ter deturpado a philosophia, tudo em proveito proprio.  
Em muito pouco tinham as palavras de S. João: procura a verdade e ella vos salvará. A sua salvação entendiam elles encontra-la no cahos e na dissolução de todos os principios até ahi reputados solidos. (Continua.)  
EDUARDO ARVINS